



O Processo Natural de Comunicação Humana: a Emergência da Linguagem¹.

Adenil Alfeu Domingos
Universidade Estadual Paulista de Bauru²

Resumo

A visão mais generalizada que se tem da comunicação humana pela linguagem esteve sempre ligada a uma demiurgia platônica. Seria por meio dela que o homem não só percebe, conhece e explica os objetos, ao retirá-los do caos (nebulosa de Saussure) em que se encontram no pensamento, dando-lhes um determinado sentido, como também, esse mesmo homem destacar-se-ia dentre os demais seres vivos. Por essa visão *top-down* da comunicação, homem e deuses se interligam pelo sopro da palavra. Tenta-se, aqui, inverter essa visão, partindo de um princípio evolucionista da linguagem, segundo o qual ela teria acontecido por Emergência, de um modo *botton-up*, como produto da capacidade do corpo humano naturalmente produzir sons e organizá-los em sistemas.

Palavras-chave: comunicação; epistemologia; emergência; semiose; linguagem

Introdução

Objetiva-se aqui tentar inverter a visão comum que se tem do processo de linguagem humana, considerando-o cientificamente, não de um ponto de vista *top-down*, mas como um produto que emerge de sistemas de elementos naturais em um movimento *botton-up*. A faculdade humana de emitir sons para se comunicar pode ser muito antiga, mas a capacidade do homem servir-se de mensagens lingüísticas codificadas parece ser muito recente. No corpo humano, não há um aparelho específico para se produzir a fala. O homem adaptou órgãos específicos de outras funções como a respiratória, para esse fim. Para tratar dessa evolução, considera-se, portanto, como ponto de partida, para as reflexões feitas adiante, o aparecimento dos hominídeos, acerca de 2 milhões de anos e sua evolução para *homo sapiens*, tal como ele é conhecido no presente. Por certo, foi dentro desse espaço temporal que o homem percebeu-se biologicamente apto para falar. Assim, deu-se-lhe, nessa época, o desenvolvimento progressivo da função cerebral ocorrida em estreita consonância com a bipedia e a libertação da mão, que lhe permitiriam o aumento do volume do cérebro, a

¹ Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

² Doutor pela Unesp de Assis em Teorias da Literatura e Literaturas comparadas - 1995
Professor de Semiótica e Teorias da Comunicação do Curso de graduação de Jornalismo e Relações Públicas e Professor de pós-graduação de Comunicação Midiática da Unesp de Bauru.
Coordenador do grupo Getesp – Grupo de Estudos de textos de Semiótica Peirceana
Adenil@faac.unesp.br



par do desenvolvimento de órgãos fonadores e da mímica facial entre outros fatores em correlação. Mais recentemente, a imprensa mundial divulgou até mesmo a descoberta do gene da comunicação, o FOXP2 no cromossomo 7, que regularia os movimentos da mandíbula, o que possibilitou a capacidade da fala humana, conforme declarações de WOLFANG e PÄÄBO,(2002: 869-872)³, em consonância com outros cientistas que estão tratando da questão.

Para base teórica das idéias a serem aqui desenvolvidas dando à linguagem humana um desenvolvimento natural, tomam-se as idéias de sistemas regidos pelo princípio de Emergência defendido por JOHNSON (2003). Segundo ele, elementos relativamente simples se organizam para formar sistemas complexos, inteligentes, auto-adaptáveis como colônias de formigas, cérebros, cidades, softwares entre outros. É nesse mesmo ponto de vista, que se coloca, a seguir, a linguagem verbal como um produto natural de emissões sonoras compostas pela caixa de ressonância do corpo humano. Os sons da linguagem verbal aparecem, por certo, no processo natural de respiração do corpo, ou seja, quando a corrente de ar sai dos pulmões e, ao passar por determinados órgãos (boca, laringe, traquéia, fossas nasais, cordas vocálica), produz diferentes ressonâncias. Esses sons teriam sido captados identificados e distinguidos entre si pelos ouvidos humano, dentro de determinadas faixas de frequência. Para que servissem como signos, no seu uso cotidiano como comunicação, esses mesmos sons foram, então, naturalmente selecionados e organizados em sistemas lingüísticos, passando a possuir características, identidades e funções próprias de comunicação. Tornaram-se objetos distintos de um todo como quaisquer outros e relacionaram-se com outros objetos de modo metonímico, ou indicial, no cérebro humano.

Não se pode, porém, pensar em um momento preciso da história do homem em que essa operação tivesse acontecido. Pode-se, sim, pensar em um processo paulatino e evolutivo desse desenvolvimento, que ainda continua sua expansão, pois, toda língua como objeto vivo, tem sua concepção embrionária inicial, nasce, cresce e desenvolve-se, como todo e qualquer objeto que, ao desenvolver-se, multiplica-se ou é assimilado por outro mais poderoso. Ela transforma-se, mas jamais desaparece por completo passando a presentificar-se em novos signos. Com a premente necessidade de viver em

³ Conforme publicações da Revista Científica Nature e reproduzidas na Scientific América **Brasil** (Revista semanal) 26 a 31 de Agosto de 2002, tratando dos estudos feitos no Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva de Leipzig, com participação do Welcome Trust Center for Human Genetics de Oxford.



sociedade, o homem percebeu que os sons por ele produzidos, embora possuíssem diferenças de produção e recepção de indivíduo para indivíduo, poderiam, por abstração, tornarem-se comuns e comunicarem informações úteis ao bando. Como a presença do objeto no espaço percebido, impondo-se ao homem com sua forma e estrutura, como um estímulo exterior, a primeira apreensão do mesmo se dá por iconicidade, ou seja, a similaridade entre objeto e sua representação, feita *in loco*, diante do objeto em si. Posteriormente, em relações interiores entre dois perceptos iconizados, percebe-se a possibilidade de interação metonímica entre eles, gerando os índices. Assim, a linguagem verbal não é senão um produto do natural de relações de elementos de um sistema de objetos e a mente humana que os relaciona com os sons que produz com funções representativas, na presença ou ausência dos mesmos. Certos conjuntos de sons, espécie de células desse organismo, foram, então, sendo relacionados com determinados objetos, como, por exemplo, os gritos-avisos aos demais membros da tribo da presença do predador ou da caça. Desse modo, nasce a relação som/objeto. Os fonemas aparecem como consequência desse mesmo ato diferenciador e criador de defasagem entre objeto e som, o que permitiu o corte do cordão umbilical dos fonemas com os objetos representados.

Desse modo nasce também o nome que representa o objeto. Nesse momento primeiro, o nome parece ter sido a produção de uma espécie de rótulos onomatopáicos dos objetos, ou algo muito semelhante, sem nenhum convencionalismo nem arbitrariedade. No entanto, era um discurso redutor que necessitava de expansão, dando, então, origem às orações e textos. Assim, também nascem, os conceitos dos mesmos, como necessidade premente de identificação cada vez mais precisa do que está sendo representado no signo, pois percebe-se a defasagem entre a sequência sonora e o seu referente. Aparecem, então, os qualis identificadores personificando não só os objetos entre si, os sinsignos de Peirce (1972) mas também, suas classes gerais, universalizadas, então, como legisignos.

Possivelmente, os primeiros tratados científicos fossem enumerações de objetos, como estrelas, sol, lua etc. Depois, ao se perceber as características identificadoras e individualizadoras desses mesmos objetos (os sinsignos, como existentes na realidade) e, posteriormente, as relações existentes entre eles, geraram-se os conceitos generalizantes como hoje os conhecemos. Sempre relacionando fatos observados, o homem começa a procurar causas e consequências e, portanto, começa a pensar. Foi por meio da linguagem codificada, portanto, produto de inferências, que o homem *sapiens-*



sapiens se tornou um ser capaz de usar símbolos. Assim sendo, pode o homem inferir, então, que comunicar-se verbalmente não era senão um dos meios fundamentais de sua sobrevivência em sociedade.

1. A Visão Clássica *Top-down* da Linguagem

Após as recentes pesquisas dos etólogos e geneticistas, bem como de modernas tecnologias que estudam a mente humana de modo científico recolocou-se, na pauta do dia, a discussão entre o Criacionismo e/ou Evolucionismo. As bases de defesa do primeiro continuaram centradas essencialmente em idéias platônicas e de textos bíblicos em uma espécie de verdade ditada por métodos autoritários. Com caráter eminente de uma linguagem mediada entre deus e os homens, os textos dos apóstolos e uma mente superior criadora de mundos por meio de verbos; o princípio de crença é *topdown*, e a verdade é ditada pelo poder do ser que se diz representante demiurgo dessa mente que está acima de tudo. Opondo-se a essa idéia, aparece o Evolucionismo ou Transformismo, doutrina de Lamarck e Darwin. Para esses cientistas, há provas suficientes da evolução natural e progressiva das espécies. Assim, elas se derivariam uma das outras em transformações naturais. Essa idéia passou a expandir-se, hoje, atingindo quaisquer sistema composto de elementos, como os signos. A idéia de evolução parte do princípio de que o desenvolvimento dos seres é a diferenciação, seguida de uma integração, formadora de sistemas como o solar, espécies químicas, seres vivos, faculdades intelectuais, instituições sociais, passou a se opor a filosofia do eterno e imutável concentrado em uma mente superior, como origem de tudo. Desse esquema não escapa a linguagem verbal com seus signos em constante transformação.

Até os fins do século XIX, porém, predomina a visão clássica da linguagem, ligada as idéias platônicas do mundo das idéias separado do mundo físico em que ela se dá. Se o ponto de vista determina o objeto, a linguagem humana *top-down*, principalmente no Ocidente, continua ainda relacionada a uma visão de poderio criacionista. Seres primordiais da construção do universo, os deuses, teriam capacidades que extrapolariam o mundo físico: seriam entidades espirituais, o que lhes permitia se servirem da linguagem como instrumento capaz de criação. Os deuses, em sua grande maioria, foram vistos não apenas como criadores de mundos pela palavra, mas criaturas ideologicamente criadas por palavras, como entidades onipotentes, onipresentes e oniscientes e com régios poderes sobre os destinos de todo o universo. A criatura mais



nobre dos deuses seria o homem, criado à sua imagem e semelhança, que, embora submisso aos seus desígnios, fora agraciado com o poder de reinar sobre os demais seres. Esse foi o modo teogônico de explicar a *arque* grega que tentava evitar a regressão do aparecimento do universo ao infinito, encontrando, assim uma explicação da sua causa primeira. Desse ponto de vista, deuses e homens, capacitados de engenhosos cérebros, distanciar-se-iam, sobremaneira, não só dos demais seres vivos, como também do universo como um todo. Os homens viram-se, então, como privilegiados expectadores do grande cenário do universo e portadores de um cérebro que poderia explicá-lo. Entenda-se “explicar” aqui como sendo um vocábulo composto pelo prefixo grego *eks-* significando ‘fora de’ e o latino ‘*plicare*’ com o sentido de dobrar e multiplicar mundos por meio das palavras. Essa visão contraria a holística moderna que considera o homem como simples parte de um todo, ou seja, um ser ‘im + plicado’ em um sistema maior, do qual depende para sobreviver, influenciando e sendo influenciado pelo mesmo. Esse ponto de vista é fundamental para diferenciar a visão semiótica da linguagem como algo natural da visão lingüística platônica da aparência dos seres que ela representa.

A idéia da linguagem como produto racional inspirado pelos deuses, de modo dionisíaco ou apolíneo, não considerou que o homem nem sempre foi um falante. Não leva em conta que o aparelho de fala humano é apenas uma adaptação de órgãos do corpo que servem a outras funções como, por exemplo, respiração, deglutição. Esse tempo de adaptação é prova evidente que, antes da língua ser um sistema organizado, houve um processo de concepção dos elementos básicos da linguagem, ou seja, a produção do jogo de xadrez: do tabuleiro, suas peças e regras de jogo. Só gradativamente vai se constituindo um sistema lingüístico, no próprio uso da caixa de ressonância do ar inspirado e expirado que trafega em nosso corpo. Nenhum desses elementos brotou como um “passe de mágica” vindo do nada, mas foi um produto naturalmente constituído passo a passo, em um processo de evolução *bottom-up*. Dado uma série de fatores que vão desde os biológicos aos sociológicos, dos grunhidos aos fonéticos, dos gestuais aos verbais, os sons começaram a ganhar a primazia na comunicação humana e a servir o homem ao substituir o objeto presente diante dos sentidos pelas projeções desses mesmos objetos na memória humana quando distantes dos mesmos. Esse ato, que se tornaria inexplicável fisicamente, passou a ter relações com as ações de criação divinas, tornando presente algo inexistente, como se o objeto se



presentificasse no mundo interior e aparecesse na fala, agora como representação do mesmo.

A visão diádica de signo segundo SAUSSURE (1973), simples relação no cérebro humano de significante/significado, é nitidamente influenciada pelo idealismo platônico dos arquétipos: os objetos reais seriam cópias imperfeitas e menos reais, de formas imutáveis e eternas que estariam no mundo das idéias, gerando até certo poder apriorístico do conhecimento humano de mundo, e os signos, como seus representantes, sempre estariam em defasagem com o objeto do mundo nele representado. Saussure dá ao signo lingüístico, ainda, o poder de tirar esse mesmo objeto da nebulosa amorfa (1973:130) no pensamento. Dar sentido (direção) ao objetos do mundo, seria o ato humano de dar significado a uma forma lingüística interior, capaz de gerar conceitos metafísicos, tirando, desse modo, a idéia do objeto do caos das idéias amorfas interiores entre as quais ela existia. Esse modo de ver pararealidades explicadas como produto de linguagem foi, por essa platonicidade das idéias, transportada para a imagem icônica e suas relações indiciais, já que, primeiramente, o objeto deve ganhar um sentido lingüístico verbalizado para depois presentificar-se no mundo interior do sujeito pensante. Por isso, o homem desconfia da presença da realidade sensível nos universais projetados no pensamento. Assim sendo, o real jamais estaria na linguagem em si, já que esta é mera representação defasada daquele. Essa idealização de modelos criados pela mente lingüística humana divorciada da realidade em si favoreceu o nexo de imanência entre os seres e a consciência, em que o pensamento escapa do domínio dos sentidos. É nítida, portanto, a influencia de Platão na Lingüística, para quem contemplar a idéia de verdade, bem e beleza é penoso, mas compensador e nesse (ad) mirar é que os seres existem em excelência, por si mesmos. Daí, também, a idéia de alma, originária no supraceleste, contemplando amorfidades transcendentais, espiritualizadas, irrealis que são as idéias e que o ato de encarnar na memória humana apenas vaga lembrança do mundo anterior. Tais idéias passam a Plotino, atravessam a Escolástica e, ainda hoje, dão à linguagem humana o poder de estar além dos sentidos e da realidade apreendida por eles.

O ponto de vista epistemológico da linguagem centrado na idéia da supremacia da mente humana sobre os demais seres do mundo, incapazes de falar vê o homem como o único ser produtor de cultura, capacidade que os demais seres não possuiriam. Assim, própria linguagem passa subdividir até mesmo os seres humanos entre si. Ela torna-se um instrumento de poder dentro da própria espécie separando os cultos dos



vulgos, por regras de linguagem determinadas como normas padronizadas, em que um poder institucionalizado norteia as regras das mesmas. Só os “eleitos” teriam poderes institucionais de salvar ou condenar, promover ou demover, ao servirem-se da palavra culta. O vulgo é visto, então, como ser incompetente, obrigado a executar tarefas de sustento não intelectivas e de menor importância social como os trabalhos braçais.

As diferentes visões da Lingüística, em geral, não consideram, também, que o homem também possua pensamentos instintivos e comunicações sinestésicas, aquém ou além das palavras, pois tudo está anteriormente determinada pelo recorte do objeto pela linguagem, retirando-o do caos. Assim sendo, o mundo só aconteceria como aparências em um cérebro privilegiado e não como realidade de modo natural, como na verdade acontece. Como produto cultural ou divino só os deuses e os seres humanos, portanto, seriam capazes de produzir símbolos e criar mundos, por meio da linguagem, criando a dicotomia de um corpo (material) separado de uma alma (espiritual).

Historicamente, há mais ou menos 15.000 anos, aparecem os idiomas indo-europeus, advindos principalmente do Sânscrito. Entre eles está o grego e o latim. A gramática sânscrita desenvolveu-se em torno de uma visão fonética, com o objetivo de manter a pureza dos Vedas em orações bramânicas ou budistas. Os diálogos entre mestres e discípulos sobre o conhecimento do Ser Absoluto, eram feitos de acordo em ininteligíveis aforismos mnemônicos, que elevariam o espírito além das realidades terrenas, não só apagando da mente experiências cotidianas passadas, como sintonizaria seu falante com esse Ser. A emissão dos fonemas seria mais perfeita e eterna quanto mais se afastasse, de modo progressivo, da linguagem do cotidiano, e, conseqüentemente, da mente prática. A gramática deveria fixar as regras da perfeita produção do fonema, a justeza na sucessão dos sons articulados que fazem surgir os sentidos, para que essa emissão pudesse conduzir o homem à salvação. Esse modo de encarar a linguagem não só cortaria o cordão umbilical das relações do pensamento com o mundo, como tiraria do sujeito do conhecimento o processo de evolução da própria linguagem. A fala seria sagrada e a escrita, sucedâneo de uma tradição vocal, não seria senão uma ajuda à memória. Isso talvez sirva para explicar, também, a distinção de uma linguagem fonética ocidental da ideogramática oriental, cuja filosofia comunga homem e universo como um todo.

No Egito, o Deus Celeste (Rê) convidara Toth para ser seu escriba, dando-lhe o nome de Thot-Séti-Rê (o representante de Rê). Ele poderia punir os rebeldes servidores que enraivecera o coração de Rê. Thot tornara-se senhor das sabedorias e das falas



divinas, o escriba dos deuses, produtor de poemas, por conhecer segredos e mistérios. Ele foi adorado como apaziguador, pois suas palavras traziam harmonia ao povo. Não é por acaso, portanto, que a etimologia da palavra poesia na Grécia está ligada com a idéia de construir mundos por meio de palavra, assimilada à Língua Ptah dos deuses. Estes criariam os seres humanos, produzidos pelas palavras de Ptah ou modelados no torno do oleiro, e seu espírito se conservaria enquanto existisse seu suporte físico. Essas idéias os levam à mumificação dos corpos e sua deposição em tumbas suntuosas.

Na Grécia, Hermes era tido como o pai das ciências pela sua sabedoria. Aliás, existem confusões entre Toth e Hermes Trimegisto (três vezes sábio). Citado na Odisseia, VIII, 335, como filho de Zeus e seu mensageiro entre os homens. A grande tarefa de Hermes era ser “intérprete da vontade de Deus” entre os homens (Cf. BRANDÃO, 1991:550). Assim, essas idéias logo se estenderiam a outros centros religiosos e se integrariam à cosmogonia de muitos povos.

Os filósofos gregos não deixaram de criar suas versões sobre esse tema. Heráclito (550 a 480 aC) iria considerar que “O mestre, cujo oráculo está em Delfos, não diz, nem cala, mas significa”, atribuindo, assim, a virtude de significar a deus, o único capaz de animar as palavras (cf. fragm. 92). Ele concebe o “Logos Eterno” através da sua manifestação fonética. No fragmento 1, ele assegura que a fala humana que distingue objetos segundo sua natureza específica, tentando defini-los, manifesta a ausência de sabedoria, já que ela é incapaz de dominar o Logos, segundo o qual todas as coisas acontecem. Vivendo na aparência (fragm. 17) os homens são incapazes de saber e dizer, pois o Logos é o pensamento e a fala, indissolúveis do Um. Por isso, Heráclito considera que só o devir, a metamorfose, a transformação é concreta, onde estaria o todo em dinamismo absoluto, enquanto os contrários seriam frutos da ignorância humana, em determinar individualidades. Assim, o Logos é ignorado, pois o pensamento individual é ilusório e o tema da participação da fala no Logos, ou de sua irremediável alienação, é propriamente metafísico, senão teológico. Essa primeira apreensão conhecida do fenômeno significativo, no pensamento grego, condensa uma semântica ou lingüística em um dinamismo ontológico unificante.

Heráclito fora o mestre de Crátilo. Este, por sua vez, fora o primeiro mestre de Platão - 428/27 a.C. - 347 aC. Crátilo passaria ao seu discípulo versões distorcidas do pensamento de Heráclito, pois tomou deste apenas a doutrina do fluxo essencial de todas as coisas, sem interpretá-las como um Logos, fogo sempre vivente e uno. Em vez disto, reduziu tudo a um instantismo inteiramente mobilista, o que levou Platão a



considerar os heraclitinos como loucos, como no Teeteto 179 e. É que Heráclito considerava não ser possível pronunciar o nome das coisas, já que elas seriam outras, quando se terminasse de dizer a palavra. Importaria, para ele, limitarmos-nos a apenas indicá-las com um sinal natural, como um som, ou como um movimento instantâneo do dedo.

Assim sendo, a idéia de criacionismo dos deuses passa aos sábios, poetas, teóricos, oradores, nobres e políticos procuram conservar a idéia de sujeitos privilegiados entre os demais, como demiurgos em cumprimento de missões. Consideram-se sujeitos eleitos entre os demais por possuírem uma inteligência superior e serem capazes de intermediarem a linguagem criada por uma mente superior e espalhá-la entre os homens. Não é por acaso que certas etimologias de vocábulos usados pelos chamados pensadores da humanidade estão ligadas à deificação. Desde Aristóteles, registra-se a idéia de “teorizar” como ‘ad+mirar’ algo com o pensamento, contemplar. Pela teoria⁴ o ser humano se aproxima de deus (*theos*), a que ele ama e contempla. Do mesmo modo, a palavra ‘entusiasmo’ liga-se à idéia de estar embebido da comoção profunda da sensibilidade recebida por inspiração divina. Assim, também, a idéia de *poiesis* como criar mundo pelas palavras fundamenta toda a criação literária. Exemplos nesse sentido são inumeráveis, mas bastam alguns para mostrar essa ligação com contundência.

2.A Visão da Linguagem como Emergência

Quando se coloca a idéia criacionista em xeque, tira-se o pedestal que o homem construiu para si, por meio da linguagem e esta passa a ser vista como objeto natural. Parte-se, para tanto, do princípio que o universo está em expansão constante, e que o big-bang foi o momento desencadeador dessa mesma expansão. Se se pudesse fazer o processo inverso e retornar no tempo criado pelo ponto de vista humano sobre o universo por meio da linguagem, por certo, voltar-se-ia, não só a uma fala primordial, mas também, ao momento desencadeador de tudo, conhecido como big-bang. O homem, desse ponto de vista, estaria virtualmente como possibilidade e potencialidade de existir, como todos os objetos ora existentes, nesse ato fundador. Pensa-se, assim, que o homem é um produto que também aparece *bottom-up* na face da terra, há pouco

⁴ cf o dicionário Houaiss - gr. *theoría*, as 'ação de observar, examinar; estudo ou conhecimento devido a raciocínio especulativo', pelo lat. *theoria, ae* 'investigação filosófica, p. opos. à prática



tempo, da evolução natural, sendo a tinta que se passou no teto do último andar desse edifício com centenas de andares.

Vendo a linguagem como algo natural, substância sonora ou gráfica, ela é objeto produzido a partir da substância de objetos do mundo colocados em forma. A linguagem está nessa formatação e não na sua substância, dizia a glossemática de Hjelmslev. Assim, a definição de signo lingüístico saussuriano recebia um complemento pela visão de Hjelmslev (1975). Para esse lingüista, a parte material da língua ou expressão, é formada de substância sonora (fonética) que só se transforma em fonemas (unidades distintivas de significados) ao se “en-formar” em unidades com características próprias, dentro do sistema. De modo aproximativo, na visão do processo de Emergência, pode-se inferir que, dentre os infinitos sons que o aparelho de ressonância humano pode produzir, só alguns sobreviveriam para constituir as peças do sistema da língua, evitando, portanto, a entropia do mesmo. Esse mesmo processo deve ser considerado em relação ao sentido (significado) dado a esses mesmos signos, também como frutos do uso.

A Lingüística, em um nível profundo, considera, porém, a linguagem como algo além dos objetos, ou seja, na relação interior feita entre a forma da expressão e a forma de conteúdo, produzindo sentidos psicológicos. Se, nesse modo de pensar, a linguagem é um sistema que dá formas a outros sistemas ao transformá-los em linguagem, tirando-os do caos nebuloso em que encontravam, como a linguagem passou a ser vista como sistema por ela mesma? Sabe-se que as idéias de Hjelmslev têm em sua base a lingüística estruturalista de linha saussuriana que considera a linguagem como o único sistema capaz de servir de meio organizacional de outros sistemas. Assim, formar-se-ia o léxico, com valores definidos, ou conceituados pela razão humana. Era preciso, porém, pensar o objeto para que ele passasse a existir, princípio eminentemente cartesiano. Por esse modo de pensar, a linguagem também se encontrou no meio do caos e dele se formou. Logicamente, então, como entender o esse deslindar do limbo da própria linguagem? Parece que a essas perguntas o saussurianismo não deu atenção e a linguagem em si permanece com uma visão advinda da inspiração de uma mente superior.

Na verdade, a metalinguagem, os conceitos e valores das palavras na linguagem nascem do seu uso e não do conceito dicionarizado, assim como se valoriza e se conceitua todos os objetos naturais. Como o homem valoriza positivamente o ouro em detrimento aos demais metais que encontramos, não só pela sua beleza e pela



dificuldade de encontrá-lo na natureza, mas pelo uso que dele fazemos em nossa vida, também passamos a valorizar dar o valor dos signos da linguagem, ou seja, criando as significações a partir das diferenças nas relações entre signos e objetos. Os conceitos são, portanto, inferidos de uma pragmática em torno dos objetos, como produtos de nossas experiências e necessidades. Foi primeiro como instinto e posteriormente como reflexão, passagem gradativa e semiótica, sobre os objetos relacionados aos signos da linguagem que o homem percebe a substância sonora transformada em um objeto de uso de comunicação lingüística verbal humana. Dentre as centenas de possibilidade de produção de sons do aparelho fonador humano, certos fonemas foram selecionados em detrimento aos demais, por motivos de uso: facilidade de produção e recepção, facilidade de diferenciação entre os demais, intensidade tonal e assim por diante. Não é por acaso que Saussure, em 1872, (ver LOPES, 1997:56 a 58) conhecedor de francês, alemão, inglês, latim e grego, escreve seu “ensaio para reduzir as palavras do grego e do latim e do alemão a um pequeno número de raízes”. Saussure não só afirmava existir um nove raízes bi ou triconsonantais como P – T – K, mas também que era viável construir esquemas fonéticos de base, ligados com valores culturais. Ele encontrara numerosas provas que R – K eram não apenas raízes da língua, como eram fonemas que indicavam prepotência ou potência violenta como em *rex, regis, Rache, rügen*, etc. Lopes cita também Pierre Guiraud que postulava a existência de uma relação psicologicamente motivada entre determinado campo semântico e determinada matriz consonantal, em que t e K, corresponderia ao proto-semantema da “idéia de golpe”: toque, taco, ticar etc., enquanto Jakobson tratava da existência da correlação entre as dimensões relativas do plano de expressão e do conteúdo, como o singular, em geral, sendo mais breve, enquanto o plural teria o seu plano de expressão mais longo. Enformada em fonemas nos sistemas das linguagens que passaram a significar na linguagem em relação aos objetos que determinaram suas origens, já que não há idéia humana que não tenha o mundo dos objetos como parâmetro inicial. O abstrato é inferência do concreto, como a linguagem. Assim, toda linguagem é inferência e o objeto está no nascedouro de qualquer pensamento criativo. Só pode pensar o Minotauro, a mente que conhecera touro e homem. Nada nasce, enfim, a não ser de algo já existente e produzir o novo não é senão ligar ou distorcer elementos existentes antes.

Nas ciências da linguagem, em geral, ainda hoje, o signo continua sendo visto, de modo ideológico, como entidade psicológica, abstrata, desconsiderado até mesmo como um objeto entre os demais objetos, pois serem entidades abstratas cerebrais, ou



seja, construídas no mundo interior cérebro. Essa mesma visão vai corroborar com a idéia de que os signos lingüísticos não representam objetos do mundo, mas sim, idéias sobre esses objetos, em uma visão bastante platônica do processo de percepção. Além disso, os objetos do mundo foram considerados como extralingüísticos. Ícones e Índices, no sentido peirceano desses termos, só existiriam para os lingüistas como linguagem humana, depois que fossem detectados e transpostos em conceitos pelo simbolismo da linguagem verbal, em que o signo não é senão produto de uma convenção, não motivado e arbitrário. Todas essas nuanças da epistemologia do signo lingüístico partem do princípio que o signo lingüístico é fabricado pela racionalidade do cérebro humano e, portanto, algo que acontece fora do mundo dos objetos, ou seja, no mundo interior de cada ser pensante.

As idéias de um sistema naturalmente emergente da linguagem, como foram sendo colocadas antes, vai na contramão do princípio do signo psicológico da lingüística. Elas abrem a possibilidade de entender a comunicação humana uma prática relacional entre mentes e objetos, inteiramente dependente da realização da experiência do homem com seu entorno. A verbalização do mundo, do qual depende todo pensamento humano, em que tudo é signo, passa advir da apreensão pelos sentidos (podendo, então, ser sonoro, rítmico, gustativo, olfativo etc.) de um objeto apreendido, em primeira instância, na relação do corpo com o mundo exterior e interiorizados de modo empírico. O novo nasceria da recombinação de elementos apreendidos e transformados pela mente. Não há idéia que nova que não tenha alguma correlação com as experiências dos objetos do mundo, em seu nascedouro. Daí o sinquismo de Peirce (CP 7.565), tendência de encarar tudo como contínuo e semiose, em que um signo gera outro de modo infinito. Como vimos, a possibilidade de retrocesso desse sistema dar-se-ia no big-bang, onde tudo já existiria em potência. Para esse mesmo semiótico, os tiquismos, ou acasos, provocariam combinações inesperadas, gerando, então, o novo, inclusive o homem. Assim, é da correlação entre objetos é que nasce o novo e a palavra grega *semion* parece ter íntima relação com sêmen e semente.

Modernamente, ao se perceber a insuficiência da dualidade corpo/espírito para explicar não só a linguagem em si, mas também a consciência humana e suas capacidades metafísicas, procura-se entender a mente humana como um objeto gerado entre objetos naturalmente integrada no mundo físico, como nítida postura naturalista, decorrente das idéias semiótico-pragmaticista naturalista de Peirce. São as idéias de pensadores como Austin, Quine, Putnam, Davidson, Kim, Rorty e Searle que vão nos



interessar mais de perto. AUSTIN (1970) tratará de enunciados constativos que são, sob o ponto de vista lógico, verdadeiros ou falsos, e performativos, os que permitem realizar certo tipo de ação por contratos de fala. Os pragmáticos da linguagem, porém, na linha de SEARLE (1983), naturalista e realista rigoroso, continuam a defender o princípio de que o ato de fala humano é produto de uma intencionalidade, condicionado a virtudes de assunções contextuais que possibilitam o processo interpretativo. Para QUINE (1960), a utilização do vocabulário intencional desempenharia um papel nas práticas sociais, em que expressões como "acredita que" e "deseja que" ajudam a prever comportamentos, situações. Após defender um funcionalismo da mente como sistema computacional, seguindo seu mestre Putnam, FODOR (1975), quinze anos mais tarde, dizendo-se realista, passou a defender a idéia de um externalismo, ou seja, a idéia de que os processos internos do cérebro não são suficientes para determinar o conteúdo mental, sendo necessário é considerar a relação entre mente e mundo, já que não há idéia que não nasça dessa relação, havendo literalmente estados intencionais, capazes de agir sobre o mundo de modo causal. A idéias de DENNETT (1997), caminham entre a filosofia e as ciências cognitivas, sendo um nome popular entre os neo-darwinistas e analisa a evolução da intencionalidade a partir da evolução das espécies. Assim, a própria idéia de intencionalidade passará a ser tomada dentro do processo de evolução natural, como um fenômeno que se desenvolveu ao longo do tempo, de sistemas mais grosseiros a sistemas mais complexos, não havendo uma forma de intencionalidade tipicamente humana, como crêem os realistas. Essas idéias, entre outras, não deixaram, porém, de considerar o homem como o centro do processo de linguagem, sob um ponto de vista ainda preso a idéia platônica do signo como produto interior psicológico. A visão de Emergência da Linguagem, como foi proposta aqui, considera toda a semiose como produto naturalmente existente nas relações entre A e B, gerando C, como produto novo, que não é senão o interpretante de Peirce.

Balanco Geral

A idéia de Emergência da linguagem abre possibilidades de se pensar a comunicação dos ícones e índices como instantes anteriores à própria verbalização, não só antes da existência da linguagem codificada em si mesma, mas como relação vigente e constante no processo de percepção/cognição do mundo. O signo verbal não seria senão um objeto entre objetos, nascidos de uma relação semiótica de elementos A e B



que geram um novo elemento C, conforme a noção de signo triádico de PEIRCE (1972). Esse semioticista consideraria, posteriormente, essa relação lógica como base de todo sistema de produção de signos, abrangendo, assim, todo pensamento, verbal ou não, como produtor de semiose. A percepção de imagens, diagramas e suas relações foram, tomadas por ele não só como atos de percepção anteriores ao pensamento simbólico, mas a este integrados em somatória. Aqui estaria o pensamento em primazia dos designers, dos pintores, dos arquitetos, entre outros que têm nitidamente um pensar diagramático das imagens percebidas. Pode-se incluir aqui até mesmo o pensamento de poetas e publicitários para quem a palavra é um objeto a ser medido e esquadrinhado.

Desse ponto de vista epistemológico, vê-se a linguagem humana como um sistema, emergiu de elementos naturalmente existentes, em relações naturais de uso. Só posteriormente a linguagem foi se gramaticalizando e os conceitos lingüísticos sendo dicionarizados. Se apenas os sons mais usados do sistema se transformam em fonemas eleitos por algum motivo, como por exemplo, facilidade de produção, assim também os conceitos foram sendo identificados dentre as inúmeras possibilidades do homem dar sentido ao seu entorno e construindo sistemas de significação.

Isso condiz com o princípio de seleção das espécies de Darwin em que o mais forte prevalece sempre sobre os demais. Estes, então, em geral, desaparecem. Como a norma culta é sempre vilipendiada pelo uso, infere-se que o mais forte, nesse processo de seleção é a regularidade e a simplicidade. Não é por acaso que em nossa língua, por exemplo, aumentam os verbos de primeira conjugação diante da evidente estabilidade ou mesmo decadência dos verbos de segunda e terceiras conjugações pelas irregularidades que impuseram ao sistema. Assim sendo, foi sentindo a presença iterativa de determinados sons correlacionados a certos objetos, constituindo palavras e conceitos, também dentro de relações indiciais, é que o homem inferiu a linguagem, saindo do concreto para chegar à abstração. Esta, por certo, é apenas um produto de semiose, colocando a semiosfera em intermitente expansão, selecionando estruturas fonéticas, lexicais, gramaticais, discursivas e assim por diante segundo as necessidades de épocas e contextos. A produção de modificações no sistema se dá pela imperiosidade de progressão do pensamento humano também em evolução expansiva. O que a cosmologia de Peirce denominou de sinequismo, ou progressiva evolução do universo, inclui, indefectivelmente, a expansão dos signos como objetos naturalmente existentes. É no uso e na inferência que a língua é construída e desenvolvida, ou seja, na relação do homem com os objetos que constituem seu entorno, de modo concreto e onde não há



nada, nesse procedimento, de construções abstratas e espirituais. Essa seleção é determinada por fatores como facilidade de produção, facilidade de identificação, maior incidência de uso entre outros fatores, um processo semelhante à seleção de seres vivos preconizada por Darwin em sua teoria da evolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação* Porto Alegre. Artes Médicas, 1990
- BRANDÃO, Junito, *Dicionário Mítico Etimológico vol. 1*. Petrópolis, 1991, p. 550
- DENNETT, D. C. *Tipos de Mentes: Rumo a uma Compreensão da Consciência*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- FODOR, Jerry A. *The Language of Thought*. Sussex, Harvest Press, 1975
- HJELMSLEV L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975
- LOPES, E.. *A identidade e a Diferença*. São Paulo, Edusp, 1997
- PEIRCE, C.S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1972.
- QUINE, W.V.O. *Word and Object*. Cambridge, The MIT Press, 1960
- SAUSSURE F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- SEARLE, John. *Intentionality*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983
- WOLFHANG E. et al. *Molecular evolution of FOXP2, a gene involved in speech and language*, in Nature 418, August 2002, pgs. 869-872